

HORA DE INVERNO Na madrugada do próximo Domingo, dia 27 de Outubro, entramos no Horário de Inverno. Por isso, os relógios atrasam 60 minutos às 02h00, passando para as 01h00. Os horários das Missas mantêm-se. Atenção à nova hora legal.

IMAGEM PEREGRINA DE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA Estará em São Francisco Xavier de 26 a 30 de Outubro, visitando a Igreja Paroquial e a Igreja da Sagrada Família, em Caselas.

A presença da Imagem Peregrina na Paróquia de São Francisco Xavier, que se enquadra na deslocação à Vigararia III, a que pertencemos, inicia-se na noite de 26 de Outubro, com a chegada à Igreja Paroquial pelas 22h00 (hora a confirmar), vinda da Paróquia de Nossa Senhora da Ajuda.

Segunda-feira, 28: a Imagem é levada pelas 10h para a Igreja de Caselas. Às 17h00 será rezado o Terço, mas estão previstas outras horas adicionais, por iniciativa de diversos grupos e movimentos.

Terça-feira, 29: regresso às 10h à Igreja Paroquial. Além de outras actividades, a cargo dos diversos grupos e movimentos, haverá:

17h30: Terço rezado pela Catequese; 18h30: recitação habitual do Terço; 19h00: Missa

Quarta-feira, 30: último dia da Imagem Peregrina na nossa Paróquia. Além de outras actividades, a cargo dos diversos grupos e movimentos, haverá: 18h30: recitação do Terço; 19h00: Missa

21h30: a imagem sairá em procissão para a Igreja dos Jerónimos, com o seguinte percurso:

R. João Dias > Av. Ilha da Madeira > R. Jerónimos > Prç. Império, terminando na Igreja do Mosteiro dos Jerónimos, com entrada pelo portal poente. A visita à Vigararia III termina no domingo, dia 03 de Novembro, com uma Missa na Igreja dos Jerónimos, às 16h00, celebrada pelo Cardeal Patriarca, D. Manuel Clemente.

REUNIÕES SOBRE MATRIMÓNIO Em Novembro inicia-se uma série de reuniões mensais abordando vários temas sobre o Matrimónio, destinadas a casais com mais de 15 anos de casamento. As reuniões, às 21h30 e com a duração de uma hora, realizam-se na Igreja Paroquial de SFXavier, sob orientação do casal Mi e Chico Cardoso. A primeira, a 7 de Novembro tem como tema "Matrimónio para a vida – Arranja-se ou

EVANGELHO DESTE DOMINGO

Lc 18, 9-14

Naquele tempo, Jesus disse a seguinte parábola para alguns que se consideravam justos e desprezavam os outros: «Dois homens subiram ao templo para orar; um era fariseu e o outro publicano. O fariseu, de pé, orava assim: 'Meu Deus, dou-Vos graças por não ser como os outros homens, que são ladrões, injustos e adúlteros, nem como este publicano. Jejuo duas vezes por semana e pago o dízimo de todos os meus rendimentos'. O publicano ficou a distância e nem sequer se atrevia a erguer os olhos ao Céu; mas batia no peito e dizia: 'Meu Deus, tende compaixão de mim, que sou pecador'. Eu vos digo que este desceu justificado para sua casa e o outro não. Porque todo aquele que se exalta será humilhado e quem se humilha será exaltado».

deita-se fora?" As duas reuniões seguintes realizam-se a 12 de Dezembro ("Bases da Família/Vínculos familiares – Com ou sem telemóvel") e a 16 de Janeiro ("A Família e o trabalho – Tudo tem o seu tempo de baixo do céu"). Outros temas e datas serão anunciados posteriormente. A ficha de inscrição para estes encontros está disponível no Secretariado Paroquial.

HORÁRIO DAS MISSAS

TODOS OS SANTOS E FIÉIS DEFUNTOS

Quinta-feira, 31 de Outubro: 19h00

Missa Vespertina da Solenidade de Todos os Santos

Sexta-feira, 01 de Novembro

Missas na Solenidade de Todos os Santos

10h30: Igreja de Caselas; 12h15: Igreja Paroquial

18h30: Igreja Paroquial

Sábado, 02 de Novembro

Comemoração dos Fiéis Defuntos

12h15: Igreja Paroquial; 17h00: Igreja da Sagrada Família, em Caselas

DINHEIROS PARA A IGREJA

Quiosque: 62,60 €

Caixas: 39,15 €



Rua João Dias, nº 53 | 1400-221 Lisboa

Tel: 210966989

sfxavier@paroquiasfxavier.org

www.paroquiasfxavier.org

PARÓQUIA

SÃO FRANCISCO XAVIER

1109

27 Outubro 2019

DOMINGO

Domingo XXX do Tempo

Comum

Sir 35, 15b-17. 20-22a

(gr. 12-14.16-18)

2 Tím 4, 6-8. 16-18

Lc 18, 9-14

SEGUNDA

Festa de S. Simão e S. Judas,

Apóstolos

Rom 4, 20-25

Lc 12, 13-21

TERÇA

Rom 8, 18-25

Lc 13, 18-21

QUARTA

Rom 8, 26-30

Lc 13, 22-30

QUINTA

Rom 8, 31b-39

Lc 13, 31-35

SEXTA

Solenidade Todos os Santos

Ap 7, 2-4. 9-14

Jo 3, 1-3

Mt 5, 1-12a

SÁBADO

Primeira Missa

Job 19, 1. 23-27a

2 Cor 4, 14 – 5, 1

Mt 11, 25-30

Segunda Missa

2 Mac 12, 43-46

2 Cor 5, 1. 6-10

Jo 11, 21-27

Terceira Missa

Is 25, 6a-7-9

1 Tes 4, 13-18

Jo 6, 51-58

PRÓXIMO DOMINGO

Domingo XXXI do Tempo

Comum

Sab 11, 22 – 12, 2

2 Tes 1, 11 – 2, 2

Lc 19, 1-10



Duccio di Buoninsegna, Cristo diante de Pilatos

A Humilhação é a surpresa de Deus

A humilhação de Jesus revela o estilo de Deus

e que deve ser também o estilo do cristão: a humildade.

Um estilo que nunca acaba de nos surpreender, pois nunca

nos habituamos à ideia de um Deus humilde.

Deus humilha-Se para caminhar com o seu povo, para

suportar as suas infidelidades.

Papa Francisco, Domingo de Ramos

EXPOR-SE A DEUS

José Tolentino Mendonça, *In O tesouro escondido*

Podemos rezar como o fariseu. O vocativo inicial, «Ó Deus», confere às suas palavras uma cadência solene e retórica. A sua é uma oração autorreferenciada: ouve-se o «eu», «eu», «eu» por toda a parte. O motivo de louvor que encontra é a diferenciação face aos outros, que são isto e aquilo: ladrões, adúlteros, injustos, que são sobretudo como aquele publicano que está atrás dele no templo. Ele é um bom praticante, que se contempla a si mesmo, deslumbrado com as suas obras que, na oração dele, não têm um carácter penitencial ou de súplica.

Enquanto o fariseu faz um uso do espaço sem grandes preocupações nem pruridos (ele está simplesmente de pé e fala, fala muito), o publicano distingue o próximo e o distante, o alto e o baixo, o corpo e a palavra: ele sente-se «longe», não ousa erguer o olhar e bate no peito enquanto profere algumas escassas palavras. Tem consciência daquilo que o afasta. Desloca-se não no eixo horizontal, mas no vertical. Ele não finge uma proximidade que não existe. Mas mostra-se assim, tal qual, a Deus. Quando, na oração, ele se identifica como «o pecador», isso não será um mero artifício do discurso, mas corresponderá a uma verdade existencial que a intensidade simbólica da sua atitude corporal vibrantemente corrobora.

Diversos autores consideram que o gesto do publicano bater no peito deve ser interpretado como um sinal da sua contrição. O significado mais frequente deste gesto, no mundo daquela época, é o de uma emoção intensa, provocada por um desgosto ou por uma situação desesperada, associando-se também à ideia de



Duccio, *Annunciation of the Death of the Virgin* (detail)

lamento. A sua angústia, porém, não é total: do fundo áspero da sua noite ele clama a Deus. E reza: «Ó Deus, tem misericórdia de mim, o pecador.» Esta passagem é a única do Evangelho em que a «pecador» se junta o artigo (o pecador). Isto não quer dizer que o publicano seja o maior pecador à face da terra, mas é assim que ele se sente e se coloca diante de Deus.

O ponto espiritual de viragem na parábola é esta atitude de verdade do publicano, em significativo contraste com a do fariseu. Ele faz convergir para Deus toda a sua vida, o seu bloqueio, as suas lágrimas, o seu desespero. Ele coloca-se completamente na dependência de Deus. Que Deus faça. Que Deus tenha misericórdia. Rezar, outra coisa não é que expor-se a Deus, sem máscaras, nem véus, nem falsas virtudes, nem diferenciações. É expor tudo. Expor até a nossa impossibilidade de rezar.

SALMO RESPONSORIAL

Salmo 120 (121), 1-8

REFRÃO:

O nosso auxílio vem do Senhor, que fez o céu e a terra.

ENTREGARMO-NOS COMPLETAMENTE A DEUS

Jean-Marie Gueullette, *Pequeno tratado da oração silenciosa*

Nós temos uma vida complicada, incessantemente confrontada com dificuldades de todo o tipo. A simplicidade não nos é natural, nem sequer na vida espiritual. Aquele para quem a oração parece uma realidade ausente da própria vida terá tendência para pensar que é por falta de tempo e de competência. «Se eu não rezo, é certamente porque isso toma muito tempo, mas, de qualquer forma, eu não sei como hei-de rezar.»

Na Bíblia, há uma história que nos permite reflectir sobre essa necessidade que sentimos de olhar para a relação com Deus como uma coisa complicada, sendo preferível renunciar a ela: O sírio Naaman era leproso e veio visitar o profeta Eliseu na esperança de obter dele a sua própria cura. Este recomenda-lhe que faça uma coisa muito simples: que se lave sete vezes seguidas no rio. Naaman sente-se despeitado. Esperava que o profeta fizesse gestos muito estranhos, pronunciando palavras misteriosas; ele, pelo contrário, manda-o lavar-se. Começa a matutar dizendo que na sua terra também se poderia lavar e que não havia necessidade de fazer uma viagem daquelas para ouvir uma prescrição terapêutica daquele tipo. O seu servo, cheio de sabedoria, diz-lhe: «Se o profeta te tivesse mandado fazer alguma coisa extraordinária, tu não a terias feito?»

Hoje, constatamos um interesse crescente por métodos terapêuticos estranhos; muitos apaixonam-se por concepções antropológicas complexas. Frente a semelhante arsenal, pode parecer muito pobre dizer que, para rezar, devemos assumir a posição conveniente e colocar-nos na presença de Deus com todo o nosso

ser. Contudo, esse é um ensinamento muitíssimo presente na tradição cristã. E, no entanto, ignorado, talvez por demasiado simples.

Limitemo-nos, portanto, a fazer actos de amor a Deus, com todo o nosso coração. Voltemo-nos para Ele com todo o nosso ser, incluindo a inteligência, num movimento que implica, ao mesmo tempo, adoração, veneração, confiança, afecto filial, amizade, esperança, todo o tipo de harmonia, diferente, consoante as pessoas e os momentos.

O essencial é entregarmo-nos completamente a Ele. Porquê? Porque essa é a única maneira de entrarmos em relação com Ele em modo de igualdade. Ele dá-se completamente àquele que está disposto a acolhê-lo. Ele está presente, de forma incondicional, ao lado daqueles que criou e que considera seus filhos. Tudo o que nós podemos fazer, é fazer como Ele: dar-mo-nos completamente, mantermo-nos presentes. Sabendo apenas que a sua auto-doação precederá sempre a nossa.

Esta forma de rezar baseia-se, com efeito, num movimento de desapego em relação a tudo o que não seja Deus. Devemos, portanto, desligar-nos de qualquer preocupação, de qualquer ideia, de qualquer recordação, boa ou má. Desligarmo-nos não é rejeitar ou esquecer, mas largar, pelo menos temporariamente, para nos podermos dar a Deus. Pôr de lado, para nos recentrarmos na presença de Deus. Na verdade, tudo isso nos pode encher a cabeça, mesmo que sejam ideias muito piedosas ou a solicitude cheia de caridade para com o nosso próximo. Mesmo que seja bom, a oração não é o momento para isso.